

**SUBSECRETÁRIO DE ESTADO WILLIAM J. BURNS
RIO DE JANEIRO
1º DE MARÇO DE 2012**

Bom dia. Muito obrigado, Henrique, por sua gentil apresentação e por sua notável liderança na AmCham do Rio de Janeiro. Quero agradecer também ao embaixador Tom Shannon, que é um bom amigo um excelente diplomata, um entusiasta do Brasil e um defensor da nossa parceria.

É uma grande honra para mim falar para todos vocês na antiga e histórica Bolsa de Valores do Rio, neste dia histórico que marca o 447º aniversário da fundação desta “Cidade Maravilhosa”. Gostaria de agradecer à Bolsa de Valores e à BMF Bovespa por nos receberem hoje, Também quero reconhecer o apoio do CEBRI e de seu presidente, embaixador Luiz de Castro Neves e da Amcham Rio de Janeiro.

É sempre um prazer visitar o Brasil, mas agora é um momento especialmente oportuno. Como duas das maiores economias e democracias do mundo, com valores compartilhados e metas cada vez mais convergentes, Brasil e Estados Unidos são parceiros naturais em um mundo que muda rapidamente.

Desde os primeiros dias do governo Obama, a construção de parcerias mais estreitas e abrangentes com potências emergentes como o Brasil tem sido uma alta prioridade dos Estados Unidos. A secretária Hillary Clinton descreve essas parcerias como a base de uma nova arquitetura de cooperação global. Nosso foco no Brasil deriva de verdades fundamentais sobre o mundo transformado em que vivemos. Nesse novo mundo, poder e influência são mais difusos. Há mais atores globais em todas as questões, não apenas governos, mas também empresas, grupos da sociedade civil e cidadãos. E mais e mais desafios são comuns a todos nós, exigindo soluções complexas e cooperativas.

Há muito de intimidador nessa transformação. No entanto, também já começa a ficar claro o que é preciso para prosperar no século 21. Esse novo mundo favorece os pontos fortes de democracias que beneficiam seus cidadãos e adotam a transparência e a prestação de contas. Favorece os pontos fortes de economias dinâmicas e inovadoras que crescem a longo prazo. E favorece os pontos fortes daqueles que reconhecem a necessidade da prosperidade inclusiva que dissemina amplamente as oportunidades e é movida por energia limpa e recursos sustentáveis.

Por todos esses motivos, o Brasil tem uma importância enorme no mundo do século 21. O país é um ator crucial em um mundo no qual desafios globais compartilhados são resolvidos com parcerias mais fortes do século 21. Pois o Brasil é uma sociedade que não apenas adotou a democracia, mas que aproveita e celebra sua diversidade como fonte de fortalecimento, uma ferramenta para superar a desigualdade e ampliar as oportunidades. É uma economia que tirou milhões de pessoas da pobreza e elevou-as à classe média, ao mesmo tempo que proporcionou o surgimento de pessoas inovadoras e empresas de nível internacional. É uma história de sucesso e um exemplo que pode inspirar soluções em qualquer lugar.

É por isso que vale a pena repetir a mensagem principal do presidente Obama no Rio, exatamente cerca de um ano atrás: “o povo americano”, o presidente disse, “não apenas reconhece o sucesso do Brasil – torcemos por seu sucesso. A medida que enfrentam os muitos desafios ainda à frente de vocês, internamente e também no exterior, vamos ficar juntos – não como parceiros sênior e júnior, mas como parceiros iguais, unidos em um espírito de interesses comuns e respeito mútuo, comprometidos com o progresso que sei que podemos construir juntos.”

Avançamos muito desde a visita do presidente Obama, mas o esforço de engajamento de alto nível que está por vir, começando com a visita da presidente Dilma Rousseff a Washington em abril, representa uma oportunidade para fazer ainda mais. É também um bom momento para refletir sobre a promessa do futuro. Para os Estados Unidos, essa

promessa significa uma parceria Brasil-EUA essencial para o nosso sucesso e para a nossa vitalidade em nosso país – assim como para nossos interesses e valores fundamentais no mundo todo nas próximas décadas. E estamos prontos para construir uma parceria que signifique a mesma promessa para o Brasil.

Sei que há céticos que preferem se concentrar em nossas diferenças e não naquilo que nos une. Sempre teremos diferenças e temos de enfrentá-las de forma direta, franca e respeitosa. Mas elas perdem a força perto do que podemos conseguir trabalhando juntos – fato que fica cada vez mais evidente nos dois países. Fica evidente não apenas nas declarações de nossos líderes. Fica evidente nos valores de nossas sociedades, na voz de nossos povos, nos profundos vínculos entre nós. Com a parceria Brasil-EUA, nós do governo estamos na verdade tentando acompanhar a sociedade que representamos e à qual servimos.

Antes de citar algumas das coisas que estamos fazendo juntos para ampliar nossa parceria, quero explicar primeiro por que nós nos Estados Unidos não só vemos com satisfação o Brasil assumir um papel global importante, mas também vemos isso como essencial para o tipo de mundo que os dois países estão tentando construir e para que nossas sociedades prosperem.

Embora a lista de assuntos que eu poderia abordar aqui seja longa e cada vez maior, não quero abusar da calorosa acolhida carioca que vocês me deram hoje. Portanto, enfocarei três áreas nas quais um Brasil forte, bem-sucedido e atuante é particularmente vantajoso e crucial na perspectiva dos Estados Unidos.

Economia e oportunidades

A primeira é a preocupação natural dos dois governos – o desafio de promover crescimento e oportunidades na acelerada e abrangente competição da economia global do século 21. Não preciso lembrar a este público de que o atual desempenho do Brasil é nada menos que

extraordinário. O mundo percebeu isso quando o Brasil se tornou oficialmente a sexta maior economia global e o mesmo acontecerá quando o país se tornar a quinta maior economia em poucos anos.

O sucesso do Brasil é um testemunho de pontos fortes exclusivos e duradouros: O compromisso comum de alguns notáveis presidentes brasileiros com o crescimento inclusivo, compromisso ainda mais profundo hoje no governo da presidente Dilma Rousseff. Uma população jovem e dinâmica, com quase dois terços com menos de 29 anos. Políticas sociais inovadoras que distribuíram oportunidades. E, acima de tudo, as dezenas de milhões de brasileiros que agarraram essas oportunidades para sair da pobreza.

Essas realizações têm significado de longo prazo não apenas para os brasileiros, mas também para os Estados Unidos e o resto do mundo. O fato de o Brasil ser não somente uma potência em ascensão, mas uma potência diversificada, vibrante e democrática, prova que a democracia e o desenvolvimento podem, devem e realmente andam de mãos dadas. E com a continuação do extraordinário crescimento do Brasil teremos novas possibilidades de parceria Brasil-EUA – por meio do comércio e dos investimentos nas duas direções, bem como do compartilhamento de conhecimentos e do compromisso comum com educação e inovação.

No ano passado, nossos presidentes celebraram acordos – sobre céus abertos, sobre comércio e cooperação econômica e sobre cooperação espacial, para citar apenas alguns – que lançaram os alicerces para uma agenda econômica ambiciosa e voltada para o futuro. Estamos fortalecendo nossa cooperação em educação, ciência e tecnologia e inovação. Temos muito a oferecer um ao outro no que se refere aos principais ingredientes do sucesso em uma economia do século 21, mas apenas começamos a aproveitar nosso potencial comum. Temos muito mais a fazer.

Como estou no Rio, não preciso mencionar a importância do Brasil para os mercados de energia do século 21 – uma dívida para a segurança, a

estabilidade e a sustentabilidade energéticas. Os depósitos de petróleo do pré-sal, como disse o especialista em energia Daniel Yergin, poderiam tornar o Brasil “a usina geradora do petróleo da América Latina” e um grande exportador para os Estados Unidos. Nós nos comprometemos a compartilhar os conhecimentos e os investimentos dos EUA à medida que as empresas brasileiras assumam a liderança, prontos para trabalhar junto com o Brasil na construção de um setor energético de nível mundial – como o presidente Obama enfatizou quando ele e a presidente Dilma Rousseff lançaram nosso Diálogo Estratégico sobre Energia no ano passado.

Da mesma forma, contamos com o Brasil para liderar o desenvolvimento de tecnologias de energia limpa. Nossos países têm a maior cooperação em biocombustíveis do mundo. Estamos trabalhando juntos em biocombustíveis para aviação e desenvolvendo as capacidades em biocombustíveis de Honduras, El Salvador, Senegal e Guatemala. O Brasil foi pioneiro no uso de fontes alternativas de energia em veículos e tem um dos suprimentos de energia mais limpos do mundo, com 45% de fontes renováveis. E acelerar o caminho dos EUA nessa direção é prioridade máxima do presidente Obama. Ao adotar a energia limpa, o Brasil está construindo sua prosperidade duradoura.

O Brasil também reconhece que a prosperidade no século 21 deve ser construída com base no conhecimento, na criatividade e na capacidade inovadora da sua população. Essa é uma pedra fundamental do “sonho americano” e hoje é a pedra fundamental dos sonhos de mais de 100 milhões de brasileiros que são membros da classe média e de dezenas de milhões de outros brasileiros que desejam juntar-se a eles. Os Estados Unidos são seu parceiro natural à medida que vocês trabalham para promover as inovações do século 21 aqui no Brasil – ao construir vínculos entre nossos povos, nossas empresas, nossas universidades e nossos governos que gerem conhecimento, tecnologia e crescimento compartilhados.

Hoje sabemos que nações como Estados Unidos e Brasil não competem simplesmente. Fazemos coisas juntos, inovamos juntos e avançamos juntos. Nos Estados Unidos, estamos bem conscientes de que nosso sucesso dependerá de adotarmos complementaridades de parceiros inovadores e dinâmicos. E o Brasil pode e deve estar no topo dessa lista.

Nosso comércio bilateral de produtos alcançou um novo recorde de mais de US\$ 74 bilhões no ano passado. E nossas relações comerciais são uma genuína via de mão dupla – nossos dois países se beneficiam do comércio de uma ampla gama de produtos e serviços que agregam valor, desde a criação de joint ventures até a busca e a oferta de investimentos.

O exemplo de uma das empresas de âmbito internacional do Brasil mostra muito desse potencial para beneficiar os dois lados: A Embraer vende quase dois terços de seus aviões para clientes americanos, mas também compra quase dois terços de insumos para esses aviões de fornecedores americanos. Outro exemplo é a Ford, que veio para o Brasil em 1919, foi a primeira empresa a fabricar veículos no Brasil e agora emprega mais de 12 mil pessoas em diversas fábricas no país todo. O eficiente Ford EcoSport de nova geração foi desenvolvido no Brasil, lançado no início deste ano em Brasília e em breve sairá da linha de montagem na Bahia.

Mas estamos ainda longe de aproveitar todo o nosso potencial. Nossos governos regionais e locais sabem disso e estão cruzando a linha do Equador cada vez mais para construir parcerias. Assim também o fazem nossos setores privados, que estão alcançando seus próprios recordes. Uma das maiores delegações comerciais americanas de todos os tempos esteve aqui no Rio há alguns meses. E essas delegações e empresas dos EUA não somente buscam vender para o Brasil; elas querem fazer novas parcerias e novos investimentos. Temos orgulho de ser o principal investidor estrangeiro no Brasil e recebemos com satisfação o crescente investimento brasileiro nos Estados Unidos. Poucos sabem que o Brasil investiu US\$ 2,7 bilhões nos Estados Unidos em 2010 e que uma empresa brasileira é dona do Burger King.

Para ajudar a criar as Embraers e as Fords do futuro, estamos participando com entusiasmo da Iniciativa Ciência sem Fronteiras, da presidente Dilma Rousseff – forte exemplo da ampla visão de sucesso do Brasil no século 21. Temos o orgulho de ter sido o primeiro país a receber a futura geração brasileira de brilhantes e ambiciosos cientistas, engenheiros e matemáticos, ajudando a colocá-los nas melhores instituições de ensino superior dos Estados Unidos e emitindo rapidamente seus vistos. Esperamos receber outros milhares deles!

Por aí estão futuros cientistas brasileiros de nível internacional buscando seguir os passos de heróis como o físico e astrônomo Marcelo Gleiser, que levou a Ciência a milhões de pessoas com seu programa de televisão e suas colunas em jornais e que agora é professor da Universidade de Dartmouth. Ou o engenheiro Jean Paul Jacob, que obteve seu diploma de pós-graduação na Universidade da Califórnia em Berkeley e criou o primeiro Centro Científico da IBM na América do Sul e o Instituto de Engenharia de Software. Os reitores e presidentes de mais de 100 faculdades e universidades americanas em 42 estados adotaram a Ciência sem Fronteiras como uma oportunidade histórica para as próprias instituições, e o interesse cresce a cada dia.

Como esses intercâmbios são tão importantes para os Estados Unidos quanto para o Brasil, no ano passado, o presidente Obama anunciou sua meta “100 Mil Unidos pelas Américas”, com o objetivo de aumentar tanto o número de estudantes das Américas estudando nos Estados Unidos quanto o número de estudantes dos Estados Unidos estudando em outro país do continente. Esperamos que o intercâmbio educacional seja um destaque na agenda da visita da presidente Dilma Rousseff a Washington. E, como nós no governo enfatizamos o valor da educação internacional, o setor privado saiu em apoio a essas iniciativas, reconhecendo que elas são um investimento fundamental na força de trabalho futura e que a construção de capital humano é a única garantia real de inovação.

Nossos crescentes laços comerciais e educacionais resultaram em um crescimento sem precedentes do número de brasileiros visitando os Estados Unidos. Em apenas quatro meses, processamos mais de 365 mil vistos de não imigrantes – 62 % a mais em relação ao mesmo período um ano atrás. São Paulo é atualmente o consulado americano mais movimentado do mundo, e a previsão para os próximos cinco anos é que o número de brasileiros que viajam aos Estados Unidos aumente 150%. Estamos redobrando nossos esforços para atender a esse aumento da demanda. Estamos destinando pessoal e recursos financeiros em níveis sem precedentes para aumentar nossa capacidade de processamento de vistos. Aqui mesmo no Rio, nosso consulado reduziu o tempo médio de espera para uma entrevista para obtenção de visto de 146 dias, há apenas sete meses, para cerca de 15 dias atualmente. É um progresso fantástico, mas continuamos nossos esforços para melhorar ainda mais.

Nosso sucesso comum não chegará unicamente por meio do trabalho conjunto em âmbito bilateral. Compartilhamos também o interesse em um sistema econômico global que promova a inovação e o crescimento amplo por meio do compromisso com princípios de concorrência e lealdade. O Brasil demonstrou que tem capacidade para prosperar em uma economia desse tipo e que tem as qualidades para continuar a prosperar no futuro. Isso significa trabalhar em conjunto para promover e modernizar esse sistema à medida que mudanças históricas na economia global criam novos desafios que são comuns a todos.

Desafios globais

Isso me leva à segunda área na qual vemos enorme potencial em um Brasil forte e atuante – enfrentando uma ampla gama de desafios globais. No mundo todo, temos os mesmos interesses fundamentais na obtenção da paz, da estabilidade e da prosperidade. E podemos e devemos fazer mais em conjunto para atingir essas metas.

Interesses compartilhados não levam à concordância automática. Para fazer avançar esses interesses, não precisamos estar sempre de acordo,

mas precisamos ouvir, consultar e aceitar responsabilidades. Assim como andar de bicicleta, as relações entre grandes potências demandam esforço constante: pare de pedalar e você cairá. Pare de conversar e você perderá oportunidades para encontrar um ponto em comum.

Observem o Oriente Médio hoje – uma região sobre a qual, como todos sabem, tivemos nossas divergências. Nós, nos Estados Unidos, contudo, reconhecemos as vantagens de um Brasil atuante na busca de um objetivo comum: apoio a soluções regionais que promovam dignidade, progresso e oportunidades para todos os cidadãos da região – seja no Egito ou na Tunísia, seja na Líbia ou na Síria. A transição democrática do Brasil e seus antigos laços entre pessoas na região conferem ao país papel singular na ajuda às novas e emergentes democracias do Oriente Médio a encontrar o próprio caminho para a estabilidade e o sucesso. Ainda na semana passada, os Estados Unidos e o Brasil uniram-se a cerca de 70 outros países em uma importante reunião internacional na Tunísia sobre a necessidade premente de proteger os civis na Síria, onde o regime continua a usar de brutalidade irracional contra seu próprio povo. Na verdade, para sociedades de todos os lugares que querem ter mais voz no seu governo e na sua economia, o fato de o Brasil assumir responsabilidades mais amplas no cenário global é muito bom.

O Brasil também demonstrou seu compromisso com o fortalecimento e a atualização da arquitetura multilateral que serviu de base para a paz e a estabilidade globais por mais de seis décadas. O presidente Obama reconheceu e expressou grande apreço pela aspiração do Brasil de se tornar membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Ajudamos a elevar o prestígio do G-20 porque o grupo reflete a importância global de países como o Brasil – e a secretária Hillary Clinton teve muita satisfação em participar da primeira reunião de ministros das Relações Exteriores do G-20 no México na semana passada. Para aqueles de nós que querem passar para uma concepção de G-20 e adotar uma agenda comum para a solução dos problemas globais, o crescente papel do Brasil no cenário mundial é uma coisa muito boa.

Há tempos o Brasil é admirado por sua dedicação ao desenvolvimento sustentável, ao crescimento verde e ao combate às mudanças climáticas. Continuaremos a trabalhar lado a lado com o país visando o sucesso da Rio+20, a se realizar em breve, e para que a conferência seja um marco que resulte em verdadeiro progresso global – progresso que não seria possível sem a liderança forte e sustentada do Brasil. Para nossos filhos e netos, o crescente papel do Brasil no cenário internacional é algo muito bom.

O Brasil também se tornou líder em segurança alimentar. Essa liderança tem como base a transformação do país não apenas em uma potência agrícola, mas também em um dos maiores inovadores em ciência agrícola. Com um brasileiro no comando da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, com seus exportadores entre os mais bem-sucedidos do mundo e suas empresas privadas e seus órgãos governamentais fazendo parcerias com empresas e governos em toda a parte – seus conhecimentos especializados estão chegando a milhões de pessoas além das fronteiras do Brasil. Para os agricultores e os famintos do mundo, o crescente papel do Brasil no cenário global é uma coisa muito boa.

Naturalmente, o Brasil é um líder no nosso Continente, como fica consubstanciado em sua liderança ampliada da missão da ONU no Haiti e seu apoio à integração econômica com os países vizinhos. Fizemos parcerias em desafios que afetam a sociedade de vocês e a nossa, como o combate aos narcóticos na Bolívia e a ajuda para assegurar uma eleição justa no Haiti. Assim, para aqueles nas Américas que querem um futuro mais seguro, o crescente papel do Brasil no cenário mundial é algo muito bom.

O Brasil é também especialmente importante à medida que o mundo volta sua atenção para o Pacífico Asiático, região que vemos se estender das Américas até a Índia. Os Estados Unidos e o Brasil têm interesse profundo e compartilhado em um Pacífico estável, seguro e próspero. Precisamos de comércio equilibrado, igualdade de condições e clareza

nas regras do jogo. Nós, nos Estados Unidos, vemos um continente americano democrático, integrado e economicamente vibrante como uma âncora estratégica para o Pacífico no século que se descortina à nossa frente – e o Brasil pode ser uma força fundamental para que isso aconteça. Olhando para frente, para todos nós que temos interesse em um Pacífico estável e próspero, o crescente papel do Brasil em âmbito global é algo muito bom.

Valores compartilhados

Acima de tudo, o que me deixa especialmente confiante em que o crescente papel global do Brasil seja algo muito bom é a terceira área que quero abordar – nossos valores compartilhados.

A presidente Dilma Rousseff e o presidente Obama destacaram isso como a fonte definitiva de nosso potencial compartilhado, a base de uma parceria e de uma amizade de longa data entre duas nações multiculturais. Eles reconheceram que quando falamos dos nossos valores, não se tratam de valores exclusivamente americanos e brasileiros, tampouco de valores unicamente ocidentais, mas de valores universais que moldam e definem uma visão para o progresso e a ordem internacional que é compartilhada no mundo todo.

E estamos todos bastante conscientes de que quando um país como o Brasil fala – um país com sua própria história poderosa de adoção da democracia e dos direitos humanos, de resolução pacífica de conflitos e de inclusão social – o mundo ouve com muita atenção.

Valores compartilhados têm levado a compromissos dos nossos dois países de ajudar a África Subsaariana a encontrar novas oportunidades para seu povo. Admiramos a presença cada vez mais forte do Brasil na região, refletindo o sentido de responsabilidade de levar as lições da sua própria experiência aos outros. Hoje, encontramos novas maneiras de trabalhar juntos na África, como a nossa colaboração em biotecnologia agrícola em Moçambique e Gana, dividindo recursos e conhecimentos

especializados para fazer avançar valores e metas comuns. O Brasil e os Estados Unidos têm sido fortes líderes no combate à pandemia de Aids, e agora, se formos persistentes, finalmente será possível uma geração livre da Aids.

Reconhecemos também o crescente compromisso do Brasil para fazer avançar os direitos humanos em âmbito global. Reconhecemos a importância do papel atuante do Brasil no Conselho de Direitos Humanos e de o país continuar a se posicionar em questões importantes após o fim de seu mandato. A secretária Hillary Clinton estará em Brasília no mês que vem para uma cúpula que promove os valores compartilhados de abertura, prestação de contas e intolerância à corrupção – a Parceria para Governo Aberto lançada pelos nossos presidentes em setembro passado em Nova York, e que temos o orgulho de copresidir com o Brasil. A parceria inclui atualmente 52 países, bem como a sociedade civil. De acordo com a revista *Forbes*, nossos países têm duas das três mulheres mais poderosas do mundo: a presidente Dilma Rousseff e a secretária Hillary Clinton. Elas são defensoras especialmente fortes dos direitos das mulheres e dos direitos humanos universais para todos.

De olho no futuro

Como ressalté anteriormente, os próximos meses apresentam uma oportunidade extraordinária de capitalizar as convergências e os compromissos comuns para juntos promovermos prosperidade, resolvermos problemas globais e defendermos nossos valores compartilhados. Há a visita da presidente Dilma Rousseff a Washington em abril; a Cúpula das Américas poucos dias depois em Cartagena; a visita da secretária Hillary Clinton à Brasília; e, por fim, o encontro de líderes do mundo todo aqui no Rio em junho, sem falar na Copa do Mundo e nas Olimpíadas mais tarde.

Os povos dos nossos dois países estão de fato aproveitando a promessa da parceria Brasil-EUA – as empresas encontram oportunidades de

comércio, investimento e inovação compartilhada, os estudantes aprendem e ensinam nas universidades uns dos outros, os turistas dão sustentação a empregos e crescimento.

Nossos governos adotaram medidas para construir uma relação mais estruturada e robusta. Os diálogos em âmbito presidencial da nossa agenda comum – Diálogo Econômico e Financeiro, Diálogo Estratégico sobre Energia e Diálogo de Parceria Global – garantem que nossas principais autoridades se reúnam com regularidade e de forma substantiva nos mais altos níveis. E parece que a cada quinze dias estamos assinando um novo acordo de colaboração, seja sobre aviação, biocombustíveis, ou sobre promoção da igualdade racial e étnica. Essa agenda é enorme, mas reflete a enormidade de nossos interesses comuns, nossos valores comuns e nosso potencial comum.

A verdade é que o futuro tem muitos desafios para os nossos dois países mas também representa uma promessa extraordinária. Nunca antes houve um momento em que nosso sucesso, tanto em termos internos quanto externos dependesse tanto um do outro. Nunca antes houve um momento quando a contínua ascensão do Brasil como um ator global tivesse maior importância para os Estados Unidos. Nunca antes houve um momento quando nossa cooperação prática tivesse mais importância para o progresso deste Continente e para o mundo. E nunca antes houve um momento quando brasileiros e americanos tivessem mais a ganhar com a parceria ou mais a fazer juntos para moldar o futuro que compartilhamos.

Obrigado.

This document is also available in [English](#).